



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhadas — Lisboa — Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONTRA UMA IMORALIDADE

TRIUNFA O TIPO ÚNICO?

O governo hesita em arrancar à força armada o necessário para cobrir o «deficit» que um tipo único acarretasse

O novo decreto faliu!

A vontade que a classe operária tem exteriorizado em quasi todas as suas reuniões de protesto contra o decreto que estabeleceu os três tipos de pão é, sem a menor dúvida, de que se crie um tipo único.

O ministro da agricultura, por sua vez, acha que o tipo único de pão é o mais moral, o que evitaria fraudes, o que melhores garantias de boa qualidade poderia dar. Entretanto o ministro da agricultura defendeu um critério diverso daquele que a sua razão ditava, baseando-se num motivo que à primeira vista parece importante. O sr. ministro da agricultura desejava que se estabelecessem três tipos de pão para que um pudesse ser vendido a \$40, porque os pobres — no seu entender — não poderiam pagar um tipo único, a \$60 cada quilo.

Se o decreto fosse respeitado seria quasi admissível tal opinião. Porém, o decreto pela sua própria estrutura há de ser fatalmente desrespeitado. Bem poderá o sr. ministro da agricultura mobilizar um batalhão de fiscois, bem poderá o sr. ministro gastar com a fiscalização quanto fosse necessário para cobrir o «deficit» que um tipo único barato provocasse, que o decreto será sempre desvirtuado e a Moagem mais tarde ou mais cedo há de tornar o pão de terceira qualidade tão insuportável que os pobres — de que o sr. ministro da agricultura teve dó — ver-se-hão na contingência de comprar o pão de 2.ª a \$62, qualidade que será fatalmente inferior ao tipo único que se vendesse pelo mesmo preço.

Assim, a tal razão poderosa que o ministro apresenta para manter o actual decreto cai pela base. O titular da pasta da agri-

cultura, temos quasi a corteza, pensa como nós. Já o facto de tor duto que, se os três tipos de pão não derem o resultado desejado, mandará fazer o tipo único, é um sinal evidente de que intimamente aquele ministro está, como nós, absolutamente desiludido da eficácia do regime das três qualidades de pão.

Que o actual decreto não satisfaz, está perfeitamente demonstrado. Que o povo trabalhador, o pobre, não suporta o pão de terceira, está igualmente demonstrado.

Portanto, a experiência está feita. Resta apenas ao ministro da agricultura optar pelo tipo único. Optará certamente pelo tipo único. Falou o mesmo ministro em sessenta centavos para o preço do tipo único. Aqui, apenas aqui, existe discordância entre o povo consumidor e o ministro da agricultura. E' este ponto da questão que é preciso debater.

Necessitamos saberse o Estado, que gasta rios de dinheiro com o exército, com a policia e com a guarda republicana, está ou não resolvido a gastar alguma coisa numa obra que aproveita verdadeiramente ao publico. O povo consumidor e trabalhador não precisa do exército, não necessita da guarda. Entretanto, o governo dispõe com estas instituições quantias fabulosas. O povo precisa dum só tipo de pão barato e o governo hesita e acha imoral arrancar daqueles cofres, tanta vez postos a saque por politicos e financeiros, a quantia necessária para que o povo tenha pelo menos pão para comer!

Porque não vai o sr. ministro da agricultura arrancar à guarda republicana e ao exército o que falta ao pão?

Não é essa a vontade do povo tanta vez exteriorizada?

A fiscalização não dará nada

O ministro da agricultura quer proceder energicamente

O ministro da agricultura determinou que pelo commissariado dos abastecimentos se proceda a uma rigorosa fiscalização, a fim de se verificar se as padarias fabricam os três tipos de pão com o diagrama da lei. Aquellas onde assim não se proceda serão mandadas encerrar e os respectivos proprietários serão presos e condenados de um mês a um ano de cadeia.

Porque se falsifica o pão de terceira o ministro da agricultura aumenta a fiscalização

Tendo-se verificado que o pão ultimamente exposto à venda, em algumas padarias, sobretudo o do preço de \$40, não correspondia ao tipo padrão fabricado na Mantença Militar, foi pelo ministro mandado recomendar a maior actividade nos serviços de fiscalização, a fim de serem punidos nos termos do artigo 45.º do Código Penal, todos os que expozem à venda ou venderem pão que não obedeça a alguma das condições da normalidade arbitradas ao pão do respectivo tipo.

Os transgressores serão capturados pelos agentes da fiscalização, e acompanhados do competente auto remetidos para juizo.

Assim, vai o governo gastar com a fiscalização — que naturalmente há de ser fiscalizada, criando-se a fiscalização da fiscalização, e ainda (quem sabe?) a fiscalização da fiscalização da fiscalização — aquela verba com que em parte poderia manter um tipo único sem fiscalização...

O Sindicato dos operários correioes solidariza-se com a U. S. O. de Lisboa

A comissão administrativa do Sindicato dos Operários Correioes, na sua última reunião, resolveu solidarizar-se com a U. S. O. de Lisboa protestando contra o novo decreto do pão.

Convida a classe a comparecer em massa no comicio que se realiza no próximo domingo.

Os arsenalistas do Exército lavram também o seu protesto

O Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército protesta contra os três tipos de pão, solidarizando-se com o movimento da U. S. O.

Este organismo convida todos os seus sindicados a comparecer no comicio promovido pela central dos organismos locais, como protesto contra os três tipos de pão, solidarizando-se com a opinião de se criar um único tipo de pão.

S. U. da Construção Civil

Secção de Tires e Arredores

A secção de Tires e Arredores do Sindicato Unico da Construção Civil, ao ter conhecimento do criminoso decreto que cria os três tipos de pão, lavrou o seu veemente protesto.

Foi redigido um extenso manifesto às classes trabalhadoras desta localidade, convidando-as a reunir no próximo domingo pelas 16 horas. Apela para os outros sindicatos para que enviem delegados à referida reunião.

O Pessoal do D. C. de Fardamentos comparece no comicio na sua maior força

A direcção da Associação do Pessoal Assalariado do Depósito Central de Fardamentos, na reunião de ontem, protestou energicamente contra o recente decreto que criou os três tipos de pão, que vem agravar mais as péssimas circunstâncias em que vivem as classes laboriosas.

A mesma direcção convida a classe, a comparecer no comicio que a U. S. O. promove no próximo domingo.

O Sindicato dos Operários Nitatos resolveu enviar um officio ao ministro da agricultura reclamando o tipo único

Os corpos gerentes resolveram mandar imprimir um manifesto, convocando a classe a comparecer na próxima segunda-feira, para tratar da questão dos três tipos de pão, e enviaram o seguinte officio ao ministro da agricultura:

A assembleia geral desta classe realizada em 27 de Setembro, resolveu protestar contra o recente decreto que criou os três tipos de pão, e os corpos gerentes desta associação resolveram, em reunião de 27, protestar também por este meio e lembrar que a única solução que neste momento é aceitavel é a criação dum único tipo de pão, compativel com os actualis salarios e tudo quanto assim não seja, não tem da parte dos trabalhadores, senão o mais energico protesto que neste momento transmittimos a V. Ex.ª — Saúde e Fraternidade. Pela direcção, Manuel Guilherme de Almeida.

O Sindicato Unico Metalurgico

Secção do Poço do Bispo

Reuniram em assembleia magna os camaradas metalurgicos desta area, apreciando o grave problema do pão.

As salis estavam repetidas, sendo aprovada a mocção dimanada da comissão de melhoramentos, que tem as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra a attitude do governo que, para contribuir mais para o engrandecimento dessa casta de bandoleiros da Moagem, vem de promta dar um decreto que mais agrava a miséria dos que trabalham.

2.º Dar conhecimento desta mocção ao governo e a todos os jornais da cidade.

3.º Por-se incondicionalmente ao lado do seu sinicado profissional, a fim de agir consoante o que necessário for, para o consequimento da revogação do decreto burla, acompanhando a U. S. O. no movimento para o estabelecimento dum unico tipo de pão ao alcance da sua bolsa.

Foi resolvido convidar todos os metalurgicos da area a assistirem à assembleia magna do próximo domingo, pelas 15 horas.

Os Calceteiros de Lisboa

vão enviar um delegado ao comicio

A assembleia geral dos Calceteiros de Lisboa resolveu protestar energicamente contra o decreto que criou os três tipos de pão e enviar um delegado da classe ao estabelecimento dum unico tipo de pão do próximo domingo.

O Associação dos Corticeiros

realiza uma assembleia magna no próximo domingo

A Associação dos Corticeiros de Lisboa, com o auxilio das secções dos Sindicatos Unico Metalurgico e da Construção Civil e Associação dos Tameiros, realiza uma reunião magna no próximo domingo, 2, de todas as classes trabalhadoras e povo consumidor em geral, para protestar contra o decreto-burla sobre a criação dos 3 tipos de pão e o respectivo aumento.

Desde já convida todo o povo inte-

O Sindicato Unico Mobilário repudia o novo decreto e far-se há representar na sua máxima força no comicio de domingo

Reuniu ontem a assembleia geral do Sindicato U. das Classes Mobilárias, a qual, entre varios assuntos de interesse, apreciou a forma como o governo mancomunado com os detentores da Moagem impôs a criação dos 3 tipos de pão, em prejuizo das classes menos abastadas.

Debatida pelos camaradas presentes a necessidade de repudia, mais esta afronta, e da necessidade de conjugar os esforços de todos os trabalhadores em defesa dos seus interesses, foi aprovada uma mocção com as seguintes conclusões:

1.º Protestar energicamente contra mais esta descaçada rouboeira da moagem, coligada com o governo;

2.º Dar todo o seu apoio a campanhas iniciadas pela U. S. O. contra os 3 tipos de pão e a favor do tipo unico ao alcance das nossas bolsas;

3.º Comparacer no maior numero possível ao comicio que a U. S. O. realiza no próximo domingo;

4.º Convocar uma assembleia magna de todos os operários mobilarios, para o próximo dia 4 de Outubro, para apreciar esta questão.

Os Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

estão prontos a lançar-se em qualquer movimento de protesto

Na sessão magna da Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, foi apreciada a questão do pão, exteriorizando a classe a sua repulsa pelo novo decreto.

Foi aprovada uma mocção com as seguintes conclusões:

1.º Lançar-se há no movimento de protesto assim que os organismos centrais o ordenarem;

2.º Esta classe ficará em sessão permanente até a revogação da lei que criou os três tipos de pão;

3.º Officiar a U. S. O. consoante-lhe as resoluções da assembleia.

Os industriais de Loures

querem o tipo unico de pão

Uma comissão de industriais de padaria de Loures, acompanhada do respectivo administrador do concelho, pediu ontem ao ministro da agricultura que seja autorizado o fabrico de um tipo unico de pão, no mesmo concelho.

Como se vê a ideia que a extinta U. O. N. apresentara — o tipo unico — vai triunfando. Ela é perfluída pela União dos Sindicatos Operários, por aqueles industriais que não tem as unhas tam aguçadas como a Moagem e até pelo ministro da agricultura, que ainda hesita em pô-la em execução.

O Centro Socialista de Alcantara

manifesta-se igualmente a favor do tipo unico

Na sua reunião de ontem, o Centro Socialista de Alcantara ventillou também a questão do pão, resolvendo protestar contra a solução que lhe deu o respectivo ministro, sr. Abolm Inglês, que julga inaceitavel e de nenhuns benefícios para o povo que trabalha, pois que em seu entender nada mais é que a vontade da Moagem em querer especular com a situação desesperada do pobre consumidor.

Este Centro aproveita o ensejo que

Federação Municipal Socialista

A comissão executiva reunida ontem levanta também o seu energico protesto

Na sua reunião de ontem, resolveu acompanhar o movimento de protesto contra a criação de três tipos de pão por ser mais um assalto às algibeiras do povo — trabalhador em beneficio de uma companhia que, não contente em roubar o consumidor, ainda o envenena, mandando fariar cereais já adulterados, isto com a complicitade dos governos, que não mandam meter os directores da referida companhia na Penitenciária.

Os ferroviários do Sul e Sueste comemoram hoje o aniversario da última greve.

Cristiano de Carvalho fará no Barreiro uma conferencia

Faz hoje precisamente um ano que pelas 17 horas da tarde, os ferroviários do Sul e Sueste, num gesto altivo e nobre, apesar do sr. António Granjo, então como agora presidente de ministério, ter colocado ao lado de cada operário um soldado de vigia, iniciaram dos movimentos grevistas mais fortes, mais grandiosos que regista a história do movimento operário português.

A forma como aqueles camaradas se portaram durante a longa luta, está ainda viva na memória de todos nós, porque gestos de tanta valia não se esquecem dum momento para o outro.

Comemorando a data do inicio dessa greve, realizam hoje os ferroviários do Sul e Sueste, no Teatro Republica do Barreiro, uma grandiosa sessão, onde usaram da palavra varios elementos operários.

O camarada Cristiano de Carvalho, cujas qualidades excepcionais de conferencista o operariado de Lisboa já teve occasião de apreciar, chegou ontem do Porto, a fim de realizar no referido Teatro uma interessante conferencia.

Os delegados da Organização Operária devem partir da estação do Terreiro do Paço, no vapor que vai para o Barreiro às 18,40.

REVULSIVOS

O meu rapaz que começa Mesmo agora a fazer versos, Troux da sua cabeça, Alguns concetos diversos Em que se vê que tropeça,

E' preciso encorajar Os novos a quem aprez A poesia cultivar. Tem a palavra o rapaz. O leitor passa a julgar.

«Se a chuva continuar Haverá inundações Nas ruas, a navegar. Vem as embarcações, Como nas águas do mar

Ficará sendo o Rossio O porto maior do mundo Que povo algum jamais viu No largo mar furibundo Mas decerto prestidito.

J povinho triunfante, Agredes a Natureza Um favor tam relevante Por viajar em Veneza Estando ella tam distante.»

J. B. e Bemvindo

SETEMBRO
30

Sexta-feira

E' já amanhã que A Batalha, como temos anunciado, se apresentará completamente remodelada, publicandose diariamente com quatro páginas.

Além de uma desenhada informação do estrangeiro que permitirá aos seus leitores acompanhar, a par e passo, o movimento social internacional, A Batalha desenvolverá também as suas informações da provincia, dedicando páginas especiais ao operariado local.

A par do noticiário corporativo que habitualmente insere, A Batalha trará os seus leitores ao facto dos principais acontecimentos de rua e da vida politica, fazendo-os acompanhar dos comentários que os casos suscitarem.

Os assuntos de palpitante interesse serão ventillados quer pelos seus colaboradores, quer em reportagens ligeiras e incisivas.

Um folhetim original e inédito de um escritor social muito apreciado pelo nosso publico, prenderá a attenção e trará sempre suspensa a curiosidade das nossas leitoras, cujos interesses especiais ao sexo A Batalha não descuidará.

Com a renovação que em A Batalha se operará, A Batalha será um jornal de interesse para todos, útil, educativo e sempre de flagrante actualidade.

Apesar do aumento de número de páginas e do acrescimo de despesa com o aumento do quadro tipografico, redactorial, de informação e de reportagem que os melhoramentos que lhe vão ser introduzidos tornam indispensavel, A Batalha continuará a dever-se exigida aos vendedores ao preço de 5 centavos (50 réis).

Aos sindicatos, camaradas e amigos previne-se que já se encontra à sua disposição, na administração de A Batalha, a segunda emissão de ações e obrigações do valor de um escudo cada. Esta nova emissão torna-se necessaria para ocorrer às despesas extraordinárias que a renovação de A Batalha acarreta.

Adquirir, pois, títulos da 2.ª emissão de ações e obrigações, é contribuir para que A Batalha se torne um jornal moderno e de interesse geral, noticioso, de combate e educativo, indo assim de encontro às aspirações do proletariado e às necessidades da propaganda.

Os refinadissimos caluniadores e velhacos intrigantistas que rastejam na sombra, insinuando-se pelas costuras da indumentaria ministerial como verdadeiros parasitas esplanados, que são, Ponho ponto, neste desabafo, para voltar à sala dos cães, rebocado pelo sr. Borges de Sousa para o «ar fresco do rua», menos viciado, de certo, que o ambiente dos seus armazens e do seu gabinete sobressaturado pelo coarado dos sacos ali armazenados e pelas poeiras do feijão pódre e de outros artigos que transitam por ali, por conta e risco do Estado.

Isto dito, vamos lá à entrevista:

A Novela Vermelha

E' JÁ AMANHÃ que a Secção Editorial da BATALHA põe à venda o numero 6 da NOVELA VERMELHA, de autoria do nosso camarada Cristiano Lima.

O titulo suggestivo do novo trabalho literario que a Secção Editorial de A BATALHA vai publicar, é uma garantia segura do que elle terá.

Escola de Nuno Alvares — é assim intitulada a nova novela — pela violência da frase, pela sua garancia com que os quadros estiracados, em um conto impressionante, não se combatem as ideias tradicionalistas e religiosas que os monarchicos pretendem imprimir nos camponeses ingenuos e ignorantes.

Um rapaz fanatissimo pelas ideias reaccionarias é levado por peripetias interessantes a casar-se com uma completa desmoralizada. Não consegue regenerar a propaganda ardente e sincera dum partidário da remodelação social. O heroi da novela vem a terminar tragicamente na sangria dum daquelas revoluções politicas tam frequentes em Lisboa.

O assunto palpitante da ESCOLA DE NUNO ALVARES, estamos certos, vai firmar mais uma vez os creditos da NOVELA VERMELHA, que tantos admiradores conta em todo o pais.

LER A'MANHÃ:

A reacção da Alemanha e suas causas

Artigo de A. HAMON

Falta de humanidade

Um aprendiz menor, devido a um carregado demasiado, deu uma queda desastrosa

Ontem, pelas 11 e meia horas, um rapazito de 12 anos, José Barroso, aprendiz de carpinteiro de moldes, filho de Joaquim Veludo Barroso, morador na travessa Nova de Santos, 26, que conduzia da officina onde está empregado, na rua Marcos Barreiro, 21, para a officina de serrallheiro, na rua da Barroca, duas chapas de ferro dum peso aproximado de trinta quilos, caiu desastrosamente na calçada do Combro, próximo da rua do Século.

A criança foi levantada e amparada por alguns populares que censuraram a deshumanidade de quem o incumbiu dum serviço demasiadamente pesado para a sua idade.

Depois de algumas magagens na perna esquerda, dadas por um soldado da Companhia de Saúde, lá seguiu o pobre rapazito o seu caminho a coxear, importando a custo o peso do frete.

LER AMANHÃ

Pela emancipação da raça negra

NA SALA DOS CÃES

UMA ENTREVISTA "AO AR FRESCO DA RUA"

No sabado último, devidamente licenciado para esse effeito, fui entrevistar o sr. Carlos Borges de Sousa, chefe do armazem da Direcção Geral do Comércio Agrícola, no Terreiro do Trigo e também do armazem regulador de preços do commissariado dos Abastecimentos, instalado naquelle armazem, sob o n.º 11 — salvo erro.

Com vontade ou sem ella, o sr. Borges de Sousa, em vez de me receber no seu gabinete, foi puchando por mim para «o ar fresco da rua», como elle disse, julgo que pelo receio que teve de o pessoal da sua repartição ouvir-se as minhas perguntas e as suas respostas ou alguma maldade que saísse da minha boca.

E' lá viámos para a sala dos cães e dos jornalistas irreverentes mas conscienciosos e verdadeiros que não possuem o servilismo subservientes daqueles animais e pertencem à categoria dos bipedes que não comem nem deixam comer, circunstancia esta a que eu devo uma preferencia permanente por outros não mais honestos, mabedores e assíduos do que em sou e que tanto deixado passar sem protestos, desviando-me dos seus encontros e do seu aperto, ainda por cima com a fama de maluco e indisciplinado que chegou sempre aos ouvidos dos ministros e dos chefes, dizendo-se que uns e outros tem medo da minha pena, como se a verdade que ponho sempre e quando me nos bicos deste objecto pudesse amedrontar alguém de consciencia desaxovalhada e procedimento correcto.

Os incomensuráveis tartufos! Os refinadissimos caluniadores e velhacos intrigantistas que rastejam na sombra, insinuando-se pelas costuras da indumentaria ministerial como verdadeiros parasitas esplanados, que são, Ponho ponto, neste desabafo, para voltar à sala dos cães, rebocado pelo sr. Borges de Sousa para o «ar fresco do rua», menos viciado, de certo, que o ambiente dos seus armazens e do seu gabinete sobressaturado pelo coarado dos sacos ali armazenados e pelas poeiras do feijão pódre e de outros artigos que transitam por ali, por conta e risco do Estado.

Isto dito, vamos lá à entrevista:

— Queira dizer-me, sr. Borges de Sousa, se foram vendidos, aqui há pouco, no armazem a seu cargo, duzentas mil sacas vazias, a cruzado cada uma, assim a modo que a porta fechada, visto que não foram postas em leilão, vindo a ser adquiridas por um unico individuo, que não é comerciante.

— As sacas?

— Sim as sacas.

— O sr. Borges de Sousa anda sempre muito abstracto e neurasténico.

— Ah, já sei. Estavam pódras e esburacadas, quasi todas, responder aquelle senhor, ladeando, quanto possível, a minha pergunta, algo indiscreta.

— Dejoio, saber — repliquei — se essas sacas foram vendidas a cruzado, cada uma, a um só individuo, sem hasta pública e na quantidade de duzentas mil.

Hesitação na resposta.

— Foram, mas por despacho do ministro é a requerimento do comprador.

O sr. Borges de Sousa principiava a recordar-se, mas não me disse quem fizera o parecer para as sacas serem vendidas como foram e sem o qual ministro não daria despacho pro me contra porque os ministros, em tais casos ou semelhantes, só despacham segundo pareceres escritos que, por vezes e por natural esquecimento, não levam a assinatura dos respectivos autores.

— E aquelle grande stock de sacaria que o galego M. comprou há mais tempo, também à porta fechada, parece que a nove tostões cada uma e que o mesmo M. revendeu ao Estado a vinte e cinco tostões e que este poz em praça sendo vendidas, nesse acto, ouvi dizer que a onze tostões cada uma? Sabe e pode dizer-me alguma coisa a este respeito?

— Não conheço. Não sei quem é esse M. Não sei nada disso porque eu não estava cá quando essa venda se fez.

OUTRO CASO

— E o que sabe o sr. Borges de Sousa acerca do trespassse dum barracão ou duma casa para se instalar um armazem regulador de preços a troco de cincoenta contos pagos pelo Estado e só pela chavez vindo o inquilino ou a pessoa que fez o trespassse a receber, apenas, dez contos, embora passasse recibo da totalidade? Sabe e pode dizer-me alguma coisa sobre esta versão corrente?

— Não sei. Não tenho ouvido.

— Eu já sabia que o sr. Borges de Sousa, foi extranho a este caso mas supuz que pudesse esclarecer-me de alguma maneira sobre elle.

— Não sei nada, absolutamente nada. Venha ver o meu armazem. Tenho cá um sabão mais barato que é uma especialidade. Venha daí.

— Deseje-me, por favor, dessa visita. Eu já sei, mas não vim às compras nem quero nada dos armazens reguladores, nem mesmo de graça, tam prejudiciais os considero.

— Mas venha.

— Não vou. Conheço o seu armazem e os outros. São mercarias sem luxo, com a taboleta do Estado mas não pagam contribuições e tem facil e bom provimento, fazendo boas vendas ga-

rantidas, a pronto, e uma concorrência desleal às outras mercarias a que não falta o calote da freguezia a rolar.

— Mas se o comércio é livre...

— Então se é livre para que servem os armazens reguladores do commissariado dos abastecimentos e a repartição de géneros alimenticios que este lá tem?

Esta repartição, diga-se de passagem é dirigida ou chefiada por um irmão do sr. Borges de Sousa, official da administração naval, havendo ainda no armazem do Terreiro do Trigo um outro irmão, daqueles dois senhores, o segundo dos quais é cunhado do sr. Falcão Trigos, commissário dos abastecimentos, que, como aqueles, eu tenho na conta de homem de bem, mas que, como commissário, não posso suportar e, menos ainda, o seu desnecessario, prejudicial e contraproducente commissariado, com os respectivos armazens.

Reatemos, porém, o dialogo interrompido.

OS ARMAZENS REGULADORES

— Como é, sr. Borges de Sousa, ou porque é que os armazens reguladores vendem o azeite a sete tostões o quillo, vendendo-se este pelo dobro e até por mais nas mercarias?

— E' porque o nosso é um pouco mais escuro.

— E o azeite que se vende a vinte cinco tostões o litro nos mesmos armazens?

— E' muito bom.

— Não contesmas já lhe disse que não vim às compras. Desejo somente saber porque é que ele se vende por esse preço nos armazens do commissariado e entre três mil e quinhentos a seis mil réis nas mercarias.

— Lá isso não sei.

— Então que maneira vem a ser essa de regular preços?

— Mas não vê que toda a gente vem comprar aos nossos armazens?

des baixas de preços
NOS
GRANDES ARMAZENS
DO